

com credores.

Pastore nos EUA: problemas

Os pequenos e médios bancos do Leste dos Estados Unidos e da Espanha continuam resistindo em aderir ao jumbo de US\$ 6,5 bilhões. Mas o presidente do BC, Afonso Celso Pastore, acredita que tudo ficará acertado até dia 16.



O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, encontrou-se ontem, em Nova York, com membros do comitê de bancos que assessora a renegociação da nossa dívida para analisar os problemas que estão impedindo o fechamento do empréstimo-jumbo de 6,5 bilhões de dólares até 16 de janeiro.

De acordo com fontes bancárias nova-quinhas, as negociações em torno do novo empréstimo estão, há semanas, paradas no nível de 6,3 bilhões de dólares, e o comitê de assessoramento teme que a soma total não seja alcançada, nem o contrato assinado, até o meio deste mês.

Enquanto isso, em Brasília, o ministro da Fazenda, Ernane Galvão, esbanja otimismo. Ontem, ele disse acreditar que, para 1985, o Brasil conseguirá obter recursos novos de pelo menos US\$ 9 bilhões. Ele argumenta que para este ano, já foi conseguido o volume de US\$ 6,5 bilhões, contrariando declarações do próprio Pastore, nos EUA. Galvão revelou que embarcará para Nova York no dia 15, domingo, para assinar os contratos de empréstimos com 800 bancos internacionais.

Mais uma vez, o ministro enfatizou que o Brasil não precisa pedir moratória, já que partiu para uma solução negociada de renegociação da dívida externa. Ele acha também que a melhor forma de obter boas condições de pagamento é através de negociação anual, e não uma negociação global.

Galvão disse que a missão do FMI retornará ao Brasil em fevereiro, para definir o déficit do setor público durante este ano. Disse que, no ano passado, o déficit comportou-se "nos tetos previstos pelo governo".

Pastore, ao chegar a Nova York, ontem de manhã, e após um encontro com o chairman do comitê — William Rhodes, do Citicorp — e outros banqueiros credores, afirmou que os empréstimos restantes já estão a caminho e apenas faltam 150 milhões de dólares para formalizar o empréstimo.

— Eu estou otimista de que os 6,5 bilhões de dólares serão completados dentro do prazo — disse Pastore.

De acordo com as fontes bancárias, o problema dos 200 milhões de dólares que estariam faltando deve-se principalmente à resistência de bancos do Leste dos EUA e da Espanha.

— Quase todos, norte-americanos, alemães, ingleses e japoneses, já fizeram sua parte, como era esperado — revelou um membro do comitê de assessoramento. Mas os espanhóis e alguns dos árabes estão recalitrantes. E, francamente, nós queríamos estar otimistas, mas temos aprendido a ser cautelosos sobre suas decisões.

— O que nós sabemos — esse banqueiro acrescentou — é que os bancos norte-americanos que ainda estão pesadamente envolvidos com o Brasil não querem assumir possíveis fracassos na concessão dos empréstimos dos espanhóis e banqueiros do Leste dos EUA. Os grandes bancos norte-americanos estão insistindo para que os árabes e espanhóis entrem no jumbo.

O banqueiro assinalou que, mesmo que o total de 6,5 bilhões de dólares não seja atingido até 16 de janeiro, a data para o contrato será mantida.

Apoio às diretas

O deputado norte-americano Stephan Solarz, que esteve ontem com o secretário de governo para Assuntos Políticos, Marco Antonio Castelo Branco, no Palácio dos Bandeirantes, disse que a opinião pública de seu país poderá dar apoio à renegociação de nossa dívida externa, desde que esse pedido "tenha em seu bojo mudanças que alterem o rumo do processo democrático brasileiro", ou seja, com a realização de eleições diretas para a Presidência da República.